

Entre línguas, culturas e provérbios: o uso de dicionários no ensino/ aprendizagem de línguas estrangeiras

*Among languages, cultures, and
proverbs: the use of dictionaries
in the teaching/learning of
foreign languages*

Gisele Tyba Mayrink ORGADO (UFSC)
gisele.orgado@gmail.com

Adja Balbino de Amorim Barbieri DURÃO (UFSC)
adjabalbino@gmail.com

Recebido em: 29 de set. de 2020.

Aceito em: 25 de nov. de 2020.

ORGADO, Gisele Tyba Mayrink; DURÃO, Adja Balbino de Amorim Barbieri. Entre línguas, culturas e provérbios: o uso de dicionários no ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 11, n. esp., e2120, p. 180-194, mar./2022. DOI: 10.22168/2237-6321-11esp2120.

Resumo: Provérbios são expressões linguísticas de cunho informativo e cultural que trazem consigo traços que identificam especificidades culturais de valor didático, conteúdo moral e prático. Este trabalho visa apresentar os primeiros passos dados com o propósito de elaborar um minidicionário bilíngue, constituído a partir da análise de equivalência interlinguística entre provérbios do idioma japonês e da variante brasileira do português que formam parte de um jogo de cartas japonês que remonta ao período Edo (1603-1868). Conhecido por Iroha Karuta, esse jogo de cartas continua a ser utilizado na cultura japonesa até os dias de hoje, e, neste trabalho, é tomado como ponto de partida para o cotejo de seus significados em cada uma das línguas aqui envolvidas. A nossa pretensão é que esse material seja utilizado como instrumento complementar no ensino e aprendizagem de língua estrangeira (LE) no que tange ao conhecimento dos provérbios por parte de estudantes de cursos de língua japonesa que tenham o português como língua materna. Os referenciais teóricos para este estudo são a Metalexicografia e a Linguística Contrastiva, mais especificamente entre o japonês e outros idiomas (DALGADO,

1922; UKIDA, 1922), assim como conceitos pertinentes ao âmbito do Ensino e da Aprendizagem de línguas estrangeiras/segundas línguas (LEFFA, 2000; 2016) e da Fraseoparemiologia (ALVAREZ, 2012; XATARA, 2012). As fontes primárias são os provérbios selecionados do jogo mencionado. Já as fontes secundárias são dicionários paremiológicos específicos tradicionais e/ou digitais na língua base, bem como na língua meta, ou seja, o japonês (GAKKEN, 1998) e a variante brasileira do português.

Palavras-chave: Provérbios. Cultura. Dicionário. Ensino/Aprendizagem de LE.

Abstract: Proverbs are linguistic expressions of an informative and cultural nature that encompass features that identify cultural specificities with didactic value, moral and practical content. This paper aims at the elaboration of a bilingual mini-dictionary, constituted from the analysis of interlinguistic equivalence between the Japanese and the Brazilian variant of Portuguese languages, which takes proverbs that are part of a Japanese card game that dates back to the Edo period (1603-1868). Known as Iroha Karuta, this card game continues to be used in Japanese culture until nowadays, and, in this work, will serve as a starting point for comparing its meanings in each of the languages involved. Our intention is that this material will be used as a complementary instrument in the teaching and learning of foreign language (FL) regarding the use of proverbs by students of Japanese language courses who have Portuguese as their native language. The theoretical references for this study are Metalexigraphy and Contrastive Linguistics, more specifically between Japanese and other languages (DALGADO, 1922; UKIDA, 1922), as well as concepts pertinent to the teaching and learning of foreign languages/second languages (LEFFA, 2000; 2016), and Phraseoparemiology (ALVAREZ, 2012; XATARA, 2012). The primary sources are the selected sayings from the mentioned game. The secondary sources are specific traditional and/or digital paremiological dictionaries in the base language, as well as in the target language, that is, Japanese (GAKKEN, 1998) and the Brazilian variant of Portuguese.

Keywords: Proverbs. Culture. Dictionary. Teaching/Learning of FL.

Introdução

Este trabalho tem como característica a multidisciplinaridade, uma vez que abrange preceitos da Paremiologia, da (Meta)Lexicografia Pedagógica, da Linguística Contrastiva e do Ensino e Aprendizagem de Línguas Estrangeiras (LE) pertinentes à área da Linguística Aplicada, e tem como finalidade construir reflexões que deverão ser aplicadas na elaboração de um minidicionário de provérbios que contemplará os idiomas japonês e português, envolvendo, também, pelo menos durante a etapa de estudo e análise, o idioma inglês como língua intermediária/subsidiária em relação ao par de línguas objeto deste estudo.

É preciso destacar que, embora existam dicionários de provérbios que privilegiam os idiomas Japonês-Inglês e vice-versa, não temos conhecimento de qualquer publicação paremiográfica que privilegie o par linguístico Japonês-Português ou vice-versa (ORGADO; DURÃO, 2020), de modo que esta proposta se constitui como algo verdadeiramente pertinente e, também, como algo com certo grau de ineditismo.

A proposta que temos em mente é que o minidicionário aqui em questão, que ainda está em processo de elaboração, tome um conjunto de provérbios repertoriado em um jogo de cartas clássico do japonês, o *Iroha Karuta*, como ponto de partida. Acreditamos que esse minidicionário terá potencial para ser utilizado como ferramenta lexicográfica didática complementar no ensino e na aprendizagem do japonês. Consideramos que não somente o uso de provérbios apresenta-se como enriquecedor do ponto de vista da ampliação linguística, mas, igualmente, os diferentes tipos de materiais lexicográficos existentes têm relevância como recurso didático complementar para a formação de estudantes de línguas estrangeiras, sejam tais estudantes iniciantes ou experientes na língua objeto de estudo.

Convém ressaltar que, antes de iniciarem esta proposta de pesquisa conjunta, as autoras desenvolveram juntas atividades propostas em um curso de extensão denominado *Laboratório de Tradução* (UFSC, 2016), que envolveu um grupo de tradutores em formação sob a coordenação da Profa. Adja Barbieri Durão, com a finalidade de estudar aspectos teóricos e práticos de traduções comentadas que, de certa forma, estão diretamente envolvidos com esta nova proposta. Desse projeto resultaram análises das marcas temáticas e gráficas de um conto¹, dentre as quais se destacaram problemas de ordem linguístico-cultural, tais como os relacionados ao registro da oralidade coloquial típicos da narrativa escrita – como interjeições e onomatopeias – e, ainda, a observação de problemas referentes às estratégias apresentadas como soluções tradutórias para repetições de unidades lexicais e para neologismos (DURÃO *et al.*, 2017) que, guardadas as devidas proporções, estão intrinsecamente relacionados aos desafios de trabalhar com parêmsias em uma ferramenta lexicográfica bilíngue. A título de exemplo, trazemos duas soluções tradutórias adotadas para culturemas – palavras culturalmente marcadas – desenvolvidas no laboratório, que se centrou na variante brasileira do português e na variante peninsular do espanhol:

a. interjeição

Língua Portuguesa	Lengua Española
Mal pisei no lugar e, vapt-vupt , fui logo entendendo que aquela história toda de floresta negra era uma baita de uma mentirinha.	Nada más pisar aquel lugar y, ¡ chan tata chán! , me caí en la cuenta del pedazo de trola que esta gente iba contando. ¡Me-nudos troleros, eso es lo que son!.

¹ “O mistério da Floresta de Verde Intenso”, de autoria de Adja Balbino de Amorim Barbieri Durão, publicado pela Editora Insular, em 2016.

Por ter sido popularizada num programa de humor da televisão brasileira, a interjeição ‘vapt-vupt’ não encontra correspondência em espanhol. Diante dessa dificuldade, o grupo de tradutores decidiu traduzi-la por *chan-tata-chán*, que mantém o traço de sonoridade e parece produzir um efeito semântico similar (DURÃO *et al.*, 2017, p. 61-62).

b. onomatopeia

Língua Portuguesa	Lengua Española
Eu fiquei tão, mas tão brava com isso que resolvi que ia contar tim tim por tim tim a verdade verdadeira sobre a Floresta de verde intenso , que de negra não tem nadica de nada.	Me quedé tan enojada con aquello que decidí por contar con detalle todo sobre la Selva de color verde intenso , que de negro no tiene nadita de nada.

O registro típico da oralidade coloquial, “tim tim por tim tim” não encontra correspondência na língua espanhola, e foi substituída por outra forma que lhe corresponde do ponto de vista semântico *con detalle*, ainda que essa escolha tenha enfraquecido o texto do ponto de vista discursivo (DURÃO *et al.*, 2017, p. 62).

Considerando-se a convergência de interesses comuns nas áreas da tradução e da lexicografia, especialmente à luz da referida experiência teórico-prática e, também, do intercâmbio intelectual firmado durante o período de pós-doutoramento da primeira autora, sob supervisão da segunda, ambas decidiram desenvolver um material didático que pudesse vir a ser utilizado como ferramenta pedagógica para o ensino/aprendizagem de japonês LE por parte de estudantes brasileiros.

O repertório lexicográfico e sua aplicação didática

A proposta que estamos conduzindo tem duas pretensões: por um lado, a intenção de elaborar um minidicionário bilíngue baseado em uma seleção de partes do repertório lexicográfico composto por provérbios presentes no jogo de cartas japonês antes referido, qual seja, o *Iroha Karuta*; por outro lado, a proposição de elaborar um recurso didático a ser usado como ferramenta de ensino e aprendizagem do japonês por parte de estudantes brasileiros para aplicação da informação reunida no referido repertório lexicográfico em sala de aula.

Os passos previstos para a elaboração deste material seguiram um processo de elaboração empírica realizada em algumas aulas de

japonês ministradas em um curso de extensão universitária, que foram os seguintes:

- a) confirmação se o provérbio japonês era conhecido por um número considerável de alunos;
- b) apresentação dos provérbios em questão na língua japonesa mediante discurso didatizado para constatar se eles conseguiam equipará-los a provérbios da língua portuguesa, antes que os alunos fossem efetivamente expostos aos provérbios já compilados no minidicionário;
- c) observação, depois de explorarem os componentes linguísticos dos provérbios, se os alunos conseguem compreender o sentido composicional dessas unidades lexicais textuais;
- d) verificação se os alunos são capazes de identificar os traços culturalmente marcados de cada provérbio;
- e) participação do alunado em produção textual escrita ou oral que incluía o provérbio em questão em cada momento de atividade didática planejada.

Todas essas atividades têm por meta a ampliação da competência linguística de estudantes brasileiros de japonês, a ser sustentada em uma abordagem funcional da língua, buscando, para isso, a formação de aprendizes conscientes, com foco na compreensão e no entendimento, e não unicamente na aquisição de normas e regras, como em abordagens gramaticalistas.

O léxico é parte essencial e constitutiva de qualquer língua e, conseqüentemente, da cultura subjacente a cada língua, assim como os dicionários são instrumentos que repertoriam as lexias das línguas para que os aprendizes disponham de dados que sejam adequados e suficientes para o uso e a compreensão das palavras em seu contexto. Dessa forma, consideramos serem os dicionários instrumentos indispensáveis como ferramenta complementar para o ensino e a aprendizagem de qualquer língua estrangeira. Ademais, os dicionários, sejam monolíngues, bilíngues ou plurilíngues, cumprem um relevante papel quando empregados no desenvolvimento de tarefas que motivem a compreensão e a aquisição do léxico (BEVILACQUA, 2006).

No processo de ensino e aprendizagem de sua própria língua, atividades recreativas como jogar ou brincar contribuem de forma significativa no que tange ao aprendizado que, graças a esses ingredientes, acontece de forma divertida e prática, propiciando avanços

nos âmbitos motor, social e afetivo, por meio da ludicidade, como o jogo apresentado a seguir.

O jogo *Iroha Karuta*

O clássico jogo de cartas conhecido atualmente como *Karuta* é resultado da fusão de dois jogos: o *Karuta*, literalmente “Carta”, que foi trazido ao Japão pelos portugueses no período Azuchi-Momoyama (1573-1603), e o *Kai-Awase*, um jogo praticado pela aristocracia no período Heian (794-1185). Neste último, os participantes deveriam procurar a combinação entre os respectivos pares que continham a primeira parte de um poema e a continuação deste, representados em conchas de marisco (ORGADO; DURÃO, 2020).

Inicialmente, a prática do jogo foi adotada na região oeste do Japão, especificamente em Kamigata, para posteriormente chegar à região de Edo, no leste desse país, onde atualmente se encontra sua capital, Tóquio (TOMIMATSU, 2003). Um pouco mais tarde, o jogo viria a circular por todo o Japão, o que perdura até os dias de hoje, com as mais variadas adaptações feitas desde então, sendo o *Uta-Garuta* e o *Iroha Karuta* os dois tipos mais conhecidos.

Com um total de 200 cartas, o *Uta-Garuta* é dividido em duas partes distintas, contendo 100 poemas (*Waka*) em cada parte (dentre os modelos de *Uta-Garuta*, o mais conhecido é o *Hyakunin Isshu* – ou “100 pessoas, 1 poema”). A segunda variante, o *Iroha Karuta*, constitui-se de uma evolução mais simples do *Uta-Garuta* (ORGADO; DURÃO, 2020). Essa segunda versão é a que tomamos aqui como objeto de estudo deste trabalho.

Foram encontradas diversas versões adaptadas do jogo:

algumas compostas por símbolos nacionais do Japão; dialetos regionais; representação das prefeituras e regiões do país; eventos sazonais para crianças; e inclusive monstros e espíritos japoneses (ibid., 2020).

Além dessas, o jogo também dispõe de adaptações utilizadas para a iniciação dos aprendizes ao conhecimento de uma língua estrangeira, como vemos a seguir no exemplo aqui apresentado em língua inglesa, cujo alfabeto se distingue gráfica e foneticamente dos alfabetos silábicos do idioma japonês:

Figura 1 – Letras e ilustrações

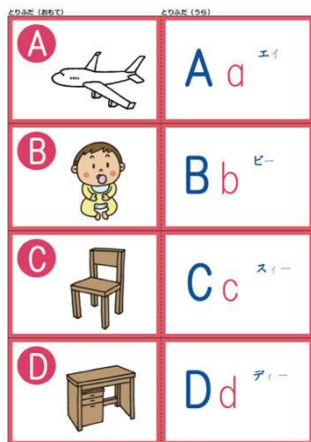
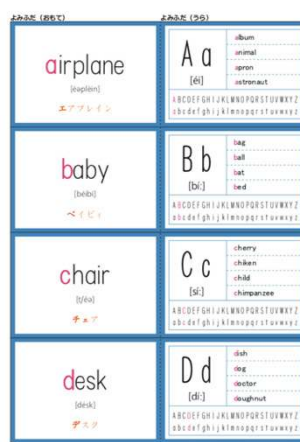


Figura 2 – Descrição e exemplos



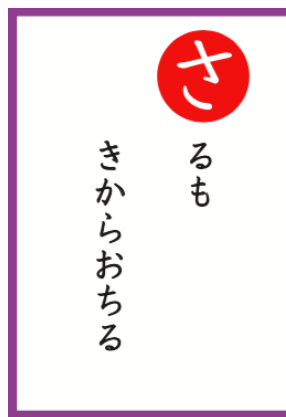
Fonte: Karuta (s/d).

Atualmente, a versão mais comum encontrada é a que segue a ordem do alfabeto japonês “I-RO-HA” – semelhante ao “ABC”, porém na versão adaptada à língua japonesa e voltada para crianças. Nessa versão, as cartas são compostas por provérbios e trazem a representação do silabário do alfabeto japonês. Trata-se de um conjunto formado por 96 cartas divididas em dois subconjuntos de 48 cartas cada – “o *yomifuda* (para as cartas que contêm o enunciado a ser lido, composto por um provérbio clássico) e seu correspondente, o *torifuda* (para as cartas que contêm a ilustração e o fonema alfabético que inicia o provérbio)” (ORGADO; DURÃO, 2020, p. 82), conforme se verifica a seguir:

Figura 3 – Fonema e ilustração



Figura 4 – Fonema e provérbio



Transcrição: SARu mo ki kara ochiru
Fonte: Kotowaza (s/d).

Nesse exemplo, uma tradução livre teria o significado de: “O macaco também cai da árvore”, que tem como pressuposto a ideia subjacente de que mesmo as pessoas mais experientes podem vir a cometer erros ou falhar. Em inglês há o equivalente (*Even*) *Homer sometimes nods*, cuja fonte é Horácio (*Ars poetica*, 359): *quandoque bonus dormitat Homerus* (LACERDA; LACERDA; ABREU, 2004, p. 252). Na língua portuguesa o significado subjacente seria “Às vezes até o bom Homero cochila”, reiterando a opinião de que ninguém é perfeito (ORGADO; DURÃO, 2020).

Embora alguns jogos tenham sido adaptados com outras finalidades, o principal objetivo é compartilhar sabedoria e alguns ensinamentos morais para que se possa lidar com as mais diferentes situações da vida. No caso específico do exemplo ilustrado, a intenção vem a ser iniciar a criança ao silabário da língua japonesa, posto que a ideia do jogo é que, enquanto as crianças brincam e aprendem a cultura e a sabedoria popular, elas também devem ser iniciadas no processo de alfabetização em sua língua.

Entre as especificidades do idioma japonês, destaca-se a sua forma de escrita, que engloba quatro tipos distintos: os ideogramas, conhecidos como *kanji*; os grafemas fonéticos, divididos em duas categorias: o *hiragana*, utilizado para representar flexões verbais, morfemas que expressam as funções de cada palavra na sentença, etc., e o *katakana*, utilizado para transcrever os fonemas de palavras de origem estrangeira e/ou onomatopeias; e o *rōmaji*, uma adaptação do alfabeto latino utilizado para a transcrição ocidental, baseado no sistema Hepburn², comumente adotado pelos lexicógrafos e, por conseguinte, em dicionários japoneses.

O par desta carta apresenta na parte da frente o fonema vocálico さ (sa) em *hiragana*, a ordem em que deve ser escrito e sua localização entre as demais vogais do alfabeto; além de um exemplo de uso com uma palavra que não é, necessariamente, a primeira palavra do provérbio (neste caso, さいころ *saikoro* = dado), bem como sua respectiva ilustração. Por fim, apresenta sua escrita nos demais alfabetos fonéticos *katakana* e *rōmaji*. Na parte posterior da carta, repete-se o provérbio e adiciona-se sua explicação, de acordo com as ilustrações a seguir (ORGADO; DURÃO, 2020):

² Este sistema foi criado por James Curtis Hepburn, e visa otimizar a leitura e sua transposição para a oralidade por aprendizes familiarizados com o sistema de escrita ocidental. A correlação som-grafema-fonema se aproxima das utilizadas no alfabeto latino, que são, em sua grande maioria, pautadas em convenções e parâmetros da língua inglesa. (MICHAELIS, 2000).

Figura 5 – Fonema, ordem de escrita, ordem alfabética e exemplo

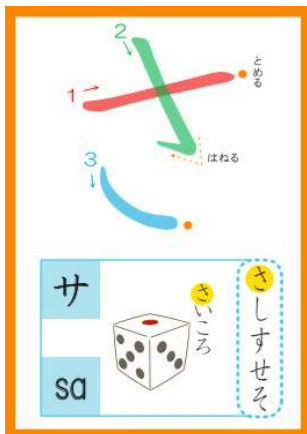
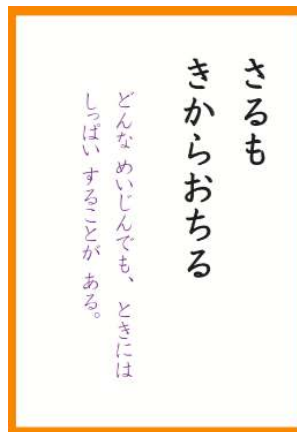


Figura 6 – Provérbio e explicação



“Mesmo o melhor dos mestres pode vir a falhar” (tradução nossa)³
Fonte: Kotowaza (s/d).

Dentre os diferentes tipos de jogos de cartas mencionadas neste trabalho, adotou-se a versão que se manteve tradicionalmente em uso até os dias de hoje e que oferece um conjunto de provérbios, ou seja, o jogo *Iroha Karuta*, da antiga Edo.

Apresentamos a seguir, à guisa de exemplo, um dos 48 provérbios que compõem o jogo a ser repertoriado:

Figura 7 – Entrada lexicográfica de um provérbio no repertório bilíngue



喉元過ぎれば熱さを忘れる



の NO Provérbio 26

喉元過ぎれば熱さを忘れる

Nodomoto sugireba atsusa wo wasureru

Este provérbio traz a mensagem de que a memória do sofrimento dura pouco.

Passado o perigo, esquecido o santo

Fonte: Material elaborado pelas autoras.

³ Donna meijin demo, toki niwa shippai suru koto ga aru.

Protótipo da carta do jogo Iroha Karuta Japonês-Português

Figura 8 – Frente da carta



Figura 9 – Verso da carta



Fonte: Material elaborado pelas autoras.

Objetiva-se, deste modo, fazer uso repertoriado dessas expressões linguísticas representativas de uma cultura, adotando-se tal repertório enquanto ferramenta de ensino/aprendizagem de LE.

Provérbios e cultura

A Paremiologia caracteriza-se como o subcampo dos estudos da linguagem responsável pelo estudo dos provérbios e suas definições, sua forma, sua estrutura, seu estilo, seu conteúdo, suas funções, seus significados e seus valores (ALVAREZ, 2012). Esse subcampo dos estudos da linguagem foi definido como uma das bases teóricas para a elaboração do Minidicionário de Provérbios e, também, para o ensino e a aprendizagem de LE pelo fato de serem muitos os provérbios estudados como expressões linguísticas informativas e culturais ao redor do mundo.

Considera-se o provérbio como uma sentença de caráter prático e popular (ORGADO; DURÃO, 2020), comum a todo um grupo social, que expressa de forma sucinta e geralmente rica em imagem um significado específico. Os provérbios existem em todas as línguas estudadas e, em todos os casos, eles trazem em si traços que podem identificar especificidades culturais. Alguns, entretanto, são comuns a diversos povos, não importando se existe ou não distanciamento cultural ou físico entre eles. Esses provérbios, de modo geral, foram sendo compartilhados de um povo a outro devido ao seu caráter abrangente, à sua expressão tradicional, ao seu valor didático e, até, à sua capacidade de persuasão e à sua condição de elemento com conteúdo moral e prático (ibid., 2020).

Apesar da origem remota de muitos desses provérbios, todos somos capazes de citar alguns deles, mesmo que não consigamos especificar onde e como os aprendemos, já que eles fazem parte do dia a dia de todos e, por isso, costumam ser empregados em simples conversações, em textos informativos ou mesmo em textos mais elaborados, como por exemplo, em sermões e conferências. Se por um lado, podemos chegar a ter a sensação de que os provérbios nos pertencem, ou seja, que fazem parte da nossa própria experiência, por outro lado, eles são um legado que chegou até nós conduzidos pela história, em uma lógica provinda da sociedade, de modo a ultrapassar os limites de nossas opiniões pessoais (VELLASCO, 1996).

Embora sejam milhares os provérbios existentes nas diversas culturas e línguas do mundo, é concebível que reflitam nuances culturais e valores morais próprios, posto que têm características que variam conforme cada região, grupo social, categoria profissional, familiar, entre outras possibilidades. Eles são recebidos como “fruto de uma sabedoria coletiva”, ou seja, do “patrimônio de cada língua” (ORGADO; DURÃO, 2020, p. 85), e não como produções individuais de um sujeito.

No caso desta pesquisa, como a seleção de tais provérbios repertoriados provém de um tempo remoto, o aprendizado da língua estrangeira ultrapassa o tempo e o espaço atuais, contemplando aspectos linguísticos, culturais, históricos e sociais distintos entre o ontem e o hoje.

Propõe-se, neste trabalho, o uso de provérbios de uma língua estrangeira em sala de aula como material didático de relevância não apenas para a compreensão dos próprios elementos constitutivos, lexicais e gramaticais dos provérbios em questão, mas, igualmente, para a compreensão de aspectos culturais e sociais específicos de uma língua objeto de estudo.

Os dicionários, a lexicografia pedagógica e o ensino/aprendizagem de LE

Em suas etapas mais remotas, os dicionários tinham propósitos marcadamente didáticos, além da finalidade de estabelecer equivalências: primeiramente, entre línguas da Antiguidade; mais adiante, entre o latim e o grego; e, finalmente, entre as línguas modernas. Em certo momento da história, eles passaram a sistematizar, de forma complementar às gramáticas, o conhecimento das línguas. Hoje, além de suas funções pragmáticas e sociais, mostram-se, igualmente, como componentes de expressão cultural e ideológica, embora para o senso comum o dicionário continue a ter a mera aparência de catálogo de palavras.

Enquanto os dicionários desempenham o seu papel de “arquivo de memória do componente lexical”, eles também registram, de modo sistemático, os itens lexicais de uma língua, ao mesmo tempo em que definem a identidade linguística dos povos a que a língua remete, dando projeção, assim, à sua cultura. Em virtude do conjunto de dados que cada lexicógrafo define para cada dicionário elaborado com essa função, esta pode ser didática, auxiliando no desenvolvimento de várias competências típicas do contexto de aprendizado de línguas (KRIEGER, 2007).

Embora Welker afirme que “nem toda literatura sobre lexicografia pedagógica trate dos dicionários para aprendizes” (2004, p. 216), almeja-se, com essa proposta, ressaltar como as obras lexicográficas pedagógicas podem vir a contribuir para o bom andamento de processos de ensino e aprendizagem de LE. Ao recorrer ao uso do dicionário, o aprendiz não apenas obtém respostas para suas buscas pontuais, como também pode ter acesso a dados adicionais que, quando elaborados para destinatários específicos, ultrapassam seus significantes e seus significados. Repertórios lexicográficos elaborados com base científica têm sido comprovadamente usados para expandir as capacidades de compreensão e expressão tanto em língua materna como em língua estrangeira, já que o léxico, em suas diferentes acepções, representa o mundo e suas realidades, e, assim, estabelece conexões entre culturas distintas (BEVILACQUA, 2006).

Não se pretende favorecer a ideia de que haja o melhor ou o pior dicionário, mas o ponto de vista de que há dicionários mais apropriados para cada tipo de necessidade de compreensão ou expressão, e de que, ao consultar dicionários adequados a cada demanda linguística, o consulente se enriquece com a experiência, por exemplo, por ir adquirindo familiaridade com relação à sua organização. Dessa forma, por aprender a interagir com a tipologia de informação de cada tipo de obra de referência e a processar convenientemente os dados lexicográficos que encontra, etc., torna-o uma ferramenta produtiva para o fomento de outras habilidades, tais como a competência leitora ou a competência escrita, por exemplo.

Binon e Verlinde (2000) sugerem uma série de estratégias que facilitam o ensino de vocabulário. De acordo com a perspectiva desses autores:

[...] um dicionário de aprendizagem não é somente um dicionário para aprendizes, mas um dicionário que tem como objetivos favorecer a aquisição do vocabulário de uma língua,

selecionando as informações, apresentando-as e organizando-as de maneira a facilitar a integração e a memorização do vocabulário (BINON; VERLINDE, 2000, p. 95).

Com vistas ao emprego dos materiais compostos por parêmsias em língua estrangeira (japonês) e língua materna (português), e considerando-se o papel exercido pelos dicionários e sua relação com questões discursivas, históricas, culturais e outros aspectos convergentes à estrutura e funcionamento das línguas, esta pesquisa, que está em andamento, objetiva a ampliação da competência linguística e comunicativa dos estudantes que estejam em condições de usá-lo. Propõe-se, portanto, um uso mais produtivo de repertórios lexicográficos, por entendermos que estes – ou no contexto de nosso estudo, os minidicionários – são instrumentos complementares de ensino e de aprendizagem de LE.

Considerações finais

O objetivo deste trabalho foi apresentar, ainda que de forma sintética, uma proposta de implementação didática que estamos levando a cabo com a intenção de elaborar um minidicionário, composto por 48 provérbios japoneses que integram o *Iroha Karuta*, a ser utilizado como um instrumento didático para o ensino e a aprendizagem da língua japonesa a estudantes brasileiros, por considerarmos os provérbios um ingrediente de grande relevância para a formação do estudante de línguas estrangeiras, e o dicionário, uma ferramenta complementar de ensino e aprendizagem de línguas e, ao mesmo tempo, um material a ser explorado tanto do ponto de vista linguístico como do ponto de vista cultural.

Paralelamente, apresenta-se o uso dos provérbios enquanto recurso complementar para o ensino da sabedoria e da cultura popular, não se limitando somente a seus códigos linguísticos, por termos o entendimento de que eles formam parte do acervo linguístico dos falantes de qualquer idioma, de tal sorte que o seu emprego no ensino de LE coloca o alunado em contato com a própria visão cultural de seus falantes naturais, que os empregam como manifestações cotidianas e produtivas da cultura em questão, as quais, segundo o nosso ponto de vista, auxiliam na aprendizagem da língua estrangeira.

A nossa pretensão é que esse material seja utilizado como instrumento complementar no ensino e aprendizagem de língua estrangeira (LE) no que tange ao fomento dos provérbios por parte

de estudantes de cursos de língua japonesa que tenham o português como língua materna. Os referenciais teóricos para este estudo são a Metalexicografia e a Linguística Contrastiva, mais especificamente entre o japonês e outros idiomas (DALGADO, 1922; UKIDA, 1922), assim como conceitos pertinentes ao âmbito do Ensino e da Aprendizagem de línguas estrangeiras/segundas línguas (LEFFA, 2000; 2016) e da Fraseoparemiologia (ALVAREZ, 2012; XATARA, 2012). As fontes primárias são os provérbios selecionados do jogo mencionado. Já as fontes secundárias são dicionários paremiológicos específicos tradicionais e/ou digitais na língua base, bem como na língua meta, ou seja, o japonês (GAKKEN, 1998) e a variante brasileira do português.

A grande pluralidade de componentes de natureza linguística e cultural contidas, às vezes, em uma simples unidade lexical constitui apenas um dos muitos desafios que é preciso enfrentar ao se trabalhar códigos linguísticos tão díspares entre si como são o japonês e o português, tendo em vista os contextos intrínsecos de cada unidade. Sob esse aspecto, é preciso especificar que é precisamente graças aos dicionários e outros tipos de ferramentas lexicográficas bilíngues e/ou plurilíngues que, além de diversas outras funções, desempenham também a missão de repertoriar tais componentes e/ou expressões linguísticas, que o leitor/consulente tem ao que recorrer em busca de auxílio, a fim de compreender o pensamento do “outro” (ORGADO; DURÃO, 2020).

Aspira-se trazer à reflexão uma percepção maior das identidades culturais, considerando-se não estabelecer delimitações herméticas entre as esferas formais de ensino. Ressalta-se que são as pesquisas aprofundadas que garantem qualidade, haja vista que os progressos em pesquisas não se desenvolvem de modo linear, mas, sobretudo, a partir de movimentos circulares. Tais movimentações, principalmente no que tange ao ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras, remetem à noção de processos de reencontros e reinícios, reduzindo fronteiras e abreviando distâncias.

Referências

ALVAREZ, M. L. O. (org.). **Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia**. Campinas, SP: Pontes, 2012.

BEVILACQUA, C. R. Lexicografia bilíngue: aspectos teóricos e reflexões sobre os dicionários bilíngues português-espanhol e espanhol-português. In: ROTTAVA, L.; SANTOS, S. S. (org.). **Ensino e aprendizagem de línguas: língua estrangeira**. Ijuí: Editora Unijuí, 2006. p. 107-138.

BINON, J.; VERLINDE, S. A contribuição da lexicografia pedagógica à aprendizagem e ao ensino de uma língua estrangeira ou segunda. In: LEFFA, V. J. (org.). **As palavras e sua companhia**: o léxico na aprendizagem. Pelotas: EDUCAT, 2000. p. 95-115.

DALGADO, S. R. **Florilégio de provérbios concanis**: traduzidos, explicados, comentados e comparados com os de línguas asiáticas e europeias. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 1922.

DURÃO, A. B. A. B.; AZEVEDO, D. N. V.; ORGADO, G. T. M.; KLOEPPPEL, P. R. A tradução nos horizontes de um conto infantil. In: DURÃO, A. B. A. B.; DURÃO, A. B. (org.). **De Horizonte a Horizonte**: traduções comentadas. 1. ed. Florianópolis: Insular, 2017. v. 1, p. 31-81.

GAKKEN. **Koji Kotowaza Jiten**: A Dictionary of Proverbs & Sayings. Tokyo, Japan: Gakken, 1998.

KARUTA, Alphabet. **Happylilac**. s/d. Disponível em: <https://happylilac.net/alphabet-karuta.html>. Acesso em: 18 fev. 2021.

KOTOWAZA, Karuta. **Happylilac**. s/d. Disponível em: <https://happylilac.net/karuta-kotowaza.html>. Acesso em: 18 fev. 2021.

KRIEGER, M. G. O dicionário de língua como potencial instrumento didático. In: ALVES, I. M.; ISQUERDO, A. N. (org.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande: UFMS, 2007. p. 295-309.

LACERDA, R. C.; LACERDA, H. C.; ABREU, E. S. **Dicionário de provérbios**: francês, português, inglês. 2. ed. São Paulo: UNESP, 2004.

LEFFA, V. J. **Língua estrangeira**: ensino e aprendizagem. Pelotas: EDUCAT, 2016.

ORGADO, G. T. M.; DURÃO, A. B. A. B. Brincando e aprendendo a sabedoria e a cultura popular. In: DEBUS, E. S. D. *et al.* (org.). **(R)ex(s)istências literárias na contemporaneidade**. 1. ed. Palhoça, SC: UNISUL, 2020. v. 1, p. 78-89.

TOMIMATSU, M. F. **Os provérbios japoneses: considerações sobre o iroha-garuta**. 2003. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Cultura Japonesa, Universidade de São Paulo – USP, 266 f., 2003.

UKIDA, S. Características dos costumes, da cultura e das formas de expressão em provérbios japoneses: uma abordagem contrastiva entre provérbios japoneses e gregos. In: **Estudos Japoneses**, n. 12. São Paulo: 1992. p. 91-123.

VELLASCO, A. M. S. **Coletânea de provérbios e outras expressões populares brasileiras**. Disponível em: <https://deproverbio.com/coletanea-de-proverbios-e-outras-expressoes-populares-brasileiras/>. Acesso em: 07 jun. 2019.

WELKER, H. A. **Dicionários**: uma pequena introdução à lexicografia. Brasília: Thesaurus, 2004.

XATARA, C. M. A produção fraseoparemiográfica. In: ALVAREZ, M. L. O. (org.). **Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia**. Campinas, SP: Pontes, 2012. p. 205-212.